

Sempre achei que milagres eram invenções da fé, mas então, como explicar...

Meu anjo disfarçado

JAMES DODSON

DOIS DIAS ANTES do Natal, atrolei um menino num trenó. Ele saiu do nada durante

uma forte tempestade de neve, pequena figura lançando-se de uma íngreme fazenda para a estrada bem na hora em que minha caminhonete passava pela colina.

Através da neve, tive apenas breve visão dele – a impressão de olhos assustados por trás dos óculos, uma *parka* azul – antes de subir o monte.

Lembro-me de ter ouvido horrível barulho, seguido de um grito abafado. Depois meu carro deslizou pelo declive, abrindo caminho lateral por profundos depósitos de neve, parando quase de lado. Fiquei ali sentado uns dez segundos, com



meus embrulhos espalhados. Tirei então o cinto, chutei a porta com a bota, e caminhei com neve até os joelhos de volta ao alto da colina. O garoto estava deitado no meio da estrada, imóvel.

– Minhas pernas! Minhas pernas! – gritou. – Não consigo mexê-las!

Agachado a seu lado, recordo-me de ter pensado em duas coisas

com grande clareza. Primeiro, tinha de tirá-lo da estrada, ou ambos seríamos atropelados pelo próximo veículo que subisse a colina. Segundo, aquela criança ia morrer ou pelo menos nunca mais andar, porque eu a atropelara.

Ajoelhado ali, a neve caindo como cinzas do paraíso, uma onda de palavras paternais começou a me sair dos lábios.

– Ouça-me, filho. Vai ficar tudo bem. Mas primeiro temos de tirá-lo da estrada. Relaxe. Tudo vai dar certo.

Não sei a quem eu tentava convencer. Ele fechou os olhos, assentiu com a cabeça, e aí movi seu corpo inerte, ciente de que poderia estar causando ainda mais dano – lesando o que restara do cordão espinhal lacerado ou destruindo algum tecido muscular ou nervo remanescente. Mas não podia correr o risco de ter um caminhão deslizando sobre nós a qualquer segundo.

– Consegue mover os dedos? – perguntei.

– Sim – respondeu ele, mostrando.

Flocos de neve acumulavam-se e derretiam no rosto corado. Analisei-lhe os olhos para ver se estava entrando em choque. Não estava. Percebi que tinha uns 12 ou 13 anos. *Um belo menino, e muito corajoso*, pensei.

Então, atrás de nós ouvimos um lamento de derreter o coração. Virei-me e vi uma corpulenta mulher, sem casaco, correndo pela neve com duas crianças em seu rastro.

– Oh, meu Deus, meu Deus! – gritou.

Ela perdera o apoio e caíra comicamente numa depressão da estrada.

Não tive alternativa senão ajudá-la a sair. Estendi-lhe a mão e puxei-a. Seu rosto era a máscara do desespero: a face da mãe confrontada com o impensável.

Ficamos ali em pé por um instante naquele estranho abraço, pequeno minuto na estrada escorregadia, olhando brevemente nos olhos um do outro até que ouvimos um som. Ao mesmo tempo, voltamo-nos para olhar o garoto. Ele estava em pé.

– Está tudo bem, mãe – disse, esfregando as costas. – Acho que estou bem.

MATTHEW ERA FILHO do zelador da igreja. Sentou-se numa cadeira na cozinha aconchegante da mãe, prendendo os soluços.

– Por que está chorando, Matthew? – perguntou a mãe. – Está machucado?

– Não – respondeu com voz trêmula. – Estava só pensando... Não sei como não morri.

A irmã mais nova, Rose, explicou o que acontecera. Na saída da escola, eles tinham ido até o campo dos fundos andar de trenó. No entanto, a frente da fazenda – mais íngreme – os tentara. Em nenhum momento consideraram o risco da estrada.

– Eu podia ter morrido – repetia Matthew, numa espécie de transe. – Não sei por que não morri.

– Porque ambos tivemos sorte incrível – respondi.

– Acho que foi milagre – disse a mãe. Mais tarde, fui ver o reboque guinchar meu caminhão. Ambos os pneus estavam vazios; o pára-lamas, amassado.

– Não entendo como não matou o menino. É incrível! – disse o policial, indicando o local do acidente.

– Foi quase milagre – comentou o motorista do reboque.

Voltei para me despedir de Matthew e sua mãe. Ele tinha se deitado. A mulher agradeceu-me muito. Chegamos a nos abraçar, e ela começou a chorar. Disse-lhe que ligaria dali a um ou dois dias para ter notícias.

– Está bem? – perguntou ela, observando-me.

– Sim – respondi. – Estou bem.

Mas não estava. Na verdade, nunca nada mexera comigo tão profundamente. O que o policial dissera não tinha importância. Eu sabia que o garoto desaparecera na frente do caminhão e, no entanto, de algum modo sobrevivera apenas com um arranhão vermelho nas costas. Eu não conseguia explicar.

Também podia dizer que fora um milagre, se acreditasse nisso. Entretanto, milagres sempre me pareceram invenções fáceis da fé – eventos citados pelos pregadores para manter a multidão interessada e o dízimo em dia.

Fui para casa e fiquei sentado algumas horas, olhando os pássaros mergulharem para pegar comida. Não sentia vontade de me mexer nem de falar. Minha mulher levou nossos dois filhos pequenos, Maggie e Jack, para fazer compras. Ali, sozinho, a mente repassava o acidente várias vezes.

ANTES DE ATROPELAR Matthew, tivera o que minha mulher chama de “crise anual de Natal”, pequena tempestade particular

da alma que começa em algum lugar próximo ao solstício do inverno, quando a escuridão desce como cortina, e os programas nos invadem com os mais memoráveis desastres humanos e naturais.

Na manhã da grande tempestade de neve eu ainda estava assustado, e não conseguia entender o motivo. Assim, na hora da tempestade, inquieto, decidi ir à mercearia. Lá havia somente um único funcionário que somava os itens de uma senhora idosa. Ela estava comprando uma revista e um vaso de plantas. Notei que usava sapatos de corrida em vez de botas.

“Está bonito lá fora, não está?”, perguntou, sorrindo para mim. “Mas, sabe, algumas pessoas sempre dirigem rápido demais na neve.”

Macaca velha, pensei. Mesmo assim, retribuí o sorriso e concordei. Voltei para a caminhonete e rumei para casa. Ao chegar à Meadow Cross Road, entretanto, continuei pensando no que ela dissera. Quando me aproximei da colina perto da fazenda, reduzi a velocidade à metade. Um instante depois, Matthew deslizava sob minhas rodas.

Após o acidente ficava me perguntando: *Como se agradece a alguém que entra em sua vida por 15 segundos?* Tudo o que eu sabia dela era que gostava de plantas e podia estar usando um novo par de botas. Avistei então a revista *Time*, com a pintura de um anjo na capa. “A nova era dos anjos”, dizia a manchete.

Comecei a ler. “Em seu *best-seller* de encontros com anjos, *O livro dos anjos*” – dizia o artigo –, “a autora Sophy Bur-

nham escreve que anjos se disfarçam – na forma de um sonho, de uma presença confortadora, de um pulso de energia, de uma pessoa – para garantir que a mensagem foi recebida.” A autora explica que os mistérios são apresentados aos céticos de maneira racional e rotineira, a fim de não perturbá-los.

Mais uma vez, fiquei sentado em meu canto meditando sobre isso. Considerei a possibilidade de que meu anjo da guarda fosse uma senhora de tênis que achava que o mundo seria um lugar melhor se todos andassem mais devagar e admirassem a paisagem.

O encontro de véspera de Natal de nossa igreja foi realizado num celeiro gelado, com ovelhas de verdade e cheiro de esterco – exatamente o tipo de lu-

gar que se esperaria que o Filho de Deus escolhesse para berçário. Muitas famílias com crianças pequenas ouviram o relato sobre o parto de Maria. Quando saímos, a neve voltou a cair.

Ao chegarmos em casa, Maggie, 4 anos, pegou minha mão e de repente saiu correndo, deixando-se cair no pátio. O irmão mais novo, Jack, seguiu-a, caindo com os braços alegremente abertos.

– Olhe, papai! – gritou Maggie. – Anjos da neve!

Para falar a verdade, eu me esquecera por completo dos anjos da neve. Mas acho que os que meus filhos fizeram naquela véspera de Natal eram encantadores.

E, o que é melhor, na manhã seguinte ainda estavam lá.



Segredos de elevador

AS PAREDES NÃO SÃO A ÚNICA parte da arquitetura que tem ouvidos. Os elevadores também os têm, especialmente em cinco hospitais de Pittsburgh, na Pensilvânia. A equipe de pesquisas do doutor Peter Ubel viajava neles regularmente e escutava de forma atenta, a fim de elaborar um relatório sobre a conversa dos responsáveis pela saúde, enquanto estavam no elevador. Verdicto: o pessoal do hospital muitas vezes viola as confidências dos pacientes ao falar sobre trabalho, o que é contra a ética.

Por exemplo, num elevador apinhado, dois administradores do hospital falavam sobre a necessidade de se chamar o médico legista para ver um paciente falecido “porque o hospital foi culpado por sua morte”. Aquele comentário fez pararem todas as outras conversas. Por vezes, os médicos contam piadas dúbias sobre os pacientes ou declaram que numa dada manhã não têm nem o desejo de operar nem a concentração necessária para isso.

Ao todo, num total de 259 viagens de elevador, os pesquisadores anotaram 39 comentários que constituíam violação da ética médica: isto é, uma a cada seis viagens e meia.